

### Leonardo Moreira Gomes

Graduado em filosofia (Bacharel e licenciatura) pela Universidade Federal do Paraná. Professor da rede pública do ensino básico de filosofia no estado do Paraná.

E-mail: [leonardogomesm1997@gmail.com](mailto:leonardogomesm1997@gmail.com).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4267-7709>

## ***WATCHMEN* E A FILOSOFIA: DR. MANHATTAN, UM SUPER-HERÓI NIILISTA**

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo de introduzir e contribuir na consolidação da análise filosófica a partir das histórias em quadrinhos (graphic novel). Para tal, selecionamos a célebre graphic novel *Watchmen* (1986-1987), roteirizado por Alan Moore e ilustrado por Dave Gibbons. A graphic novel proporciona uma série de provocações, neste momento chamamos a atenção para o personagem Dr. Manhattan, o único personagem com habilidades sobre-humanas, em diversos momentos da narrativa é comparado como Deus, entretanto, mesmo sendo idolatrado como um ser messiânico, Dr. Manhattan não demonstra interesse em intervir nos conflitos da humanidade, isto é, para o personagem, tanto a vida e a moralidade dos homens não possuem relevância. A partir desta inquietação iremos discorrer sobre a seguinte hipótese: Dr. Manhattan é um super-herói niilista, portanto a sua conduta moral também é niilista. Refletiremos sobre este tópico.

**Palavras-chaves:** Ética; Filosofia; Graphic novel; Niilismo; Super-herói.

Submissão: 25/07/2023

Revisão: 10/10/2023

Aprovado: 03/01/2024

Publicação: 15/05/2024





## INTRODUÇÃO

Desde a sua primeira publicação, a graphic novel *Watchmen*, tornou-se um marco para as histórias em quadrinhos do gênero de super-herói. A graphic novel<sup>1</sup> impactou o mercado estadunidense dos quadrinhos, assim como impactou os seus leitores. *Watchmen* possui algumas nuances, dentre elas a complexidade psicológica e ética dos personagens. Desse modo, consideramos que *Watchmen* pode ser tomado como uma obra filosófica, mesmo que seja voltada à cultura pop.

A contribuição da obra de Moore e Gibbons para o gênero do super-herói nos quadrinhos é justamente a desconstrução do conceito de super-herói. Os heróis da trama não possuem habilidades sobre-humanas, exceto o Dr. Manhattan. Além disso, a constituição psicológica deles mesmos também demonstra traços de instabilidade, sobretudo devido aos dilemas éticos que são apresentados ao longo da narrativa.

Desta maneira, é possível afirmar que os vigilantes mascarados de *Watchmen* estão mais próximos da realidade, isto é, os personagens não correspondem às expectativas que possuímos quando imaginamos um super-herói ou um indivíduo com habilidades sobre-humanas. Os super-heróis concebidos por Moore e Gibbons em diversas ocasiões não

defendem o fraco e o oprimido, não são altruístas e recorrem ao uso da extrema violência.

A partir da desconstrução da imagem do super-herói, percebemos que a dupla britânica possui a intenção de explicitar as consequências da existência de vigilantes mascarados e as suas capacidades aparentemente ilimitadas.

Ao fazermos um levantamento a respeito do período em que a graphic novel foi publicada, veremos que a obra está inserida no contexto da Guerra Fria (1947-1991). Ao progredirmos na leitura, perceberemos que além da desconstrução do super-herói, há críticas sociais e o próprio universo de *Watchmen* apresenta um paralelo histórico com o período da Guerra Fria.

Neste ensaio, temos como objetivo apresentar a partir de uma perspectiva filosófica, a desconstrução do personagem Dr. Manhattan, o único super-herói do universo de *Watchmen* que possui habilidades sobre-humanas. Entretanto, mesmo com tais características, Dr. Manhattan não demonstra preocupação com o bem-estar da humanidade. Em algumas ocasiões, o personagem demonstra não dar valor à vida humana, assim como não compreende a ética humana. Desse modo, partimos do pressuposto de que Dr. Manhattan não é apenas um super-herói niilista, mas de que possui uma ética niilista<sup>2</sup>.

Para desenvolvermos tal hipótese, iremos discorrer sobre alguns tópicos que serão

---

<sup>1</sup> Comumente o termo é associado ao quadrinista estadunidense Will Eisner (1917-2005), com a publicação de *Um contrato com Deus* (1978), em língua portuguesa pode ser traduzido como romance gráfico (PINHEIRO, 2019). Contudo, gostaríamos de chamar atenção para o debate em torno do próprio conceito de graphic novel, estudiosos como o brasileiro Alexandre Link Vargas e o estadunidense Aaron Meskin irão chamar a atenção para a utilização estratégica de Eisner com o termo, isto é, o quadrinista irá utilizar a palavra graphic novel como estratégia publicitária, ou seja, os quadrinhos que antes eram vistos como mero entretenimento, superficial será convertido em algo mais profundo, ou seja, a graphic novel será igualado à literatura, tal aproximação é

problemática (MESKIN, 2009a, p. 219); (SARJETA, 2023).

Ainda sobre a comparação entre a história em quadrinhos e a literatura, Meskin apresenta algumas considerações especificamente sobre *Watchmen* ser tomada como literatura, já que a obra foi listada pela Times como um dos 100 melhores romances e ter recebido o Prêmio Hugo, sendo este último voltado exclusivamente à literatura (MESKIN, 2009b, p. 149).

<sup>2</sup> Este ensaio é uma extensão do meu trabalho de conclusão do curso de graduação (GOMES, 2021). Na ocasião foi sugerido como *Watchmen* contribui para a desconstrução do conceito de super-herói e as suas implicações éticas.



fundamentais para compreendermos o raciocínio proposto: I) o surgimento do super-herói nas histórias em quadrinhos; II) a repercussão da Guerra Fria nas histórias em quadrinhos, e, III) como Dr. Manhattan pode ser tomado como um representante do niilismo ético.

## A GÊNESE DOS SUPER-HERÓIS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Se fizermos uma regressão histórica perceberemos que a imagem do herói sempre esteve no imaginário da civilização, destacamos as aventuras do lendário rei sumério Gilgamesh, na mitologia grega há um vasto panteão de heróis, semideuses e deuses, tais como Aquiles ou Odisseu. Na contemporaneidade, com as histórias em quadrinhos perceberemos que não é diferente, personagens como o alienígena kryptoniano Kal-El, também conhecido como Super-Homem ou o deus nórdico do trovão Thor são fundamentais para o imaginário popular.

Gaiman (2011) nos presenteia com a seguinte descrição da construção da personagem Desespero:

[...] O que nos faz querer saber: por que somos tão atraídos por histórias de super-heróis? E desde quando? [...] Os super-heróis existem desde que existem histórias - ou seja, antes mesmo do surgimento da escrita e em todas as culturas que conhecemos. Para os irlandeses, foi o gigante Finn McCool quem construiu a Calçada do Gigante, um conjunto de milhares de colunas de basalto e origem vulcânica localizado no condado de Antrim, na Irlanda do Norte. Na antiga Mesopotâmia, Gilgamesh usou sua força sobre-humana para derrotar Humbaba. Isso sem falar nos antigos gregos, que podiam se vangloriar de uma fatura de heróis capaz de fazer inveja à Marvel e à DC (BBC, 2015).

Ainda seguindo esse raciocínio é possível afirmar que os super-heróis são uma releitura dos personagens míticos da antiguidade. A partir disto, podemos fazer os

seguintes questionamentos: como os super-heróis surgiram nas histórias em quadrinhos? Como eles se tornaram tão icônicos na cultura pop? Contudo, chamamos a atenção para a possível distinção entre herói e super-herói.

O vocábulo herói é oriundo do latim *heros*, entretanto, a sua origem provém do grego *hērōs*. “Herói tem referência no latim como *heros*, sobre a raiz grega *hērōs*, em alusão à imagem de um nobre influente e transferido para a mitologia para apontar os semideuses, assim como os atos de valor [...]” (VESCHI, 2019).

Comumente as palavras herói e super-herói são tidos como sinônimos, o pesquisador brasileiro Rafael Laytynher Silva argumenta que o herói é aquele que se sacrifica em nome do bem maior, o super-herói é aquele que detém habilidades sobre-humanas e que busca defender o fraco e o oprimido (SILVA, 2011, p. 3). Já o estadunidense Peter Coogan apresenta uma definição mais sofisticada:

Super-herói: um personagem heroico com uma missão social altruísta, com superpoderes – habilidades extraordinárias, tecnologia avançada ou habilidades físicas, mentais ou místicas altamente desenvolvidas; que possui uma identidade de super-herói incorporada em um codinome e traje icônico, que comumente expressa a sua biografia, caráter, poderes ou origem (transformação de uma pessoa comum para super-herói) (...) Frequentemente, os super-heróis possuem uma identidade dupla, que geralmente é um segredo bem guardado (COOGAN, 2009, p. 77, tradução nossa).

Desse modo, o super-herói pode ser compreendido como uma ruptura de paradigma, isto é, o super-herói não percorre necessariamente a tradicional jornada do herói, ou seja, cabe ao detentor das habilidades sobre-humanas decidir se irá usar as suas habilidades para defender ou molestar a humanidade. Com esta mudança de paradigma, o super-herói pode ser entendido como substituto dos deuses e heróis da antiguidade, ou seja, os super-heróis modernos são personagens que compõem o



panteão da mitologia moderna (VIEIRA, 2007, p. 81).

Ainda que seja creditado a primeira aparição do Super-Homem na primeira edição da Action Comics (1938) ao surgimento do gênero de super-heróis nas histórias em quadrinhos, existe um possível antecessor, os vigilantes mascarados das revistas pulps.

Os pulps eram revistas de fácil acesso ao grande público, assim como eram constituídas de folhas de papel de baixa qualidade, que se deterioravam rapidamente, em alguns casos durante o manuseio do leitor, ou seja, as revistas pulps além de descartáveis eram vistos como mero entretenimento, distração. Escritores como Edgar Rice Burroughs (1875-1950), Jack Kirby (1917-1994) e Robert E. Howard (1906-1936) trabalharam com os pulps (NANQUIM, 2019).

Embora não houvesse a nomenclatura super-herói, já havia os vigilantes mascarados, tais como o Fantasma, o Sombra e o Zorro. Ainda sobre esses personagens, é perceptível como serviram de inspiração para os super-heróis. Chamamos a atenção para a utilização do disfarce, visto que tanto os vigilantes mascarados quanto os super-heróis possuem uma identidade secreta ou utilizam algum disfarce (máscara). O Fantasma é creditado como o precursor do gênero aventura/super-herói, assim como o primeiro a manter a sua real identidade em segredo (GOIDANICH; KLEINERT, 2011, p. 155-156).

Oficialmente, o primeiro super-herói surge na revista estadunidense Action Comics n. 1, Super-Homem. Criado pela dupla juvenil Jerry Siegel (1914-1966) e Joe Shuster (1914-1992). Com o título Superman, somos apresentados a uma criança oriunda do espaço e, com o passar do tempo, a criança manifestou

habilidades sobre-humanas, isto é, o jovem Clark Kent (o último filho de Krypton), possui força sobre-humana, velocidade sobre-humana e consegue saltar 200 metros sobre um prédio de 20 andares. Desse modo, o jovem Clark Kent decide usar as suas habilidades sobre-humanas para o bem, isto é, em nome da justiça e para defender os fracos e oprimidos (SHUSTER; SIEGEL, 2015, p. 1-8).

Entretanto, chamamos a atenção para o contexto histórico que corroborou para a aparição do cultuado Super-Homem. O primeiro quadrinho de super-herói é lançado após A Grande Depressão, comumente chamada como a Crise de 1929, considerada a maior crise financeira que já houve nos Estados Unidos. Além dessa crise financeira, também houve a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), certamente dois eventos que abalaram a sociedade estadunidense<sup>3</sup>. Numa tentativa de entreter e reacender a esperança de uma sociedade devastada financeiramente e com inclinações pessimistas surge o primeiro super-herói: Super-Homem (MATTOS; SAMPAIO, 2004, p. 7-12). Além disso, o Super-Homem ainda possui características da concepção clássica do herói, contudo, ressaltamos que o personagem de Shuster e Siegel é mais complexo do que a figura do herói da antiguidade<sup>4</sup>.

Além de manter as chamas da esperança em seus leitores, Superman foi concebido por dois jovens judeus. Ou seja, o Superman é uma resposta direta ao antissemitismo de Hitler.

Os criadores do personagem, os cartunistas Jerry Siegel e Joe Shuster, além de adolescentes, eram ambos judeus, fato que confere uma nova dimensão ao seu trabalho visto a conturbada trajetória do povo judeu na década de 40. Sob uma concepção religiosa, o Superman certamente pode

<sup>3</sup> Este tópico é retomado por Alexandre Linck a partir da sua interpretação sobre a relação entre o mercado das histórias em quadrinhos e a pandemia do COVID-19 (SARJETA, 2020).

<sup>4</sup> Neste momento não iremos aprofundar na complexidade que há no Super-Homem, para isso sugerimos a leitura de FINKELMAN (2014); LAYMAN (2009); WESCHENFELDER (2011); (2012a).



representar uma espécie de messias, alguém oriundo de um lugar além, que é enviado à Terra para salvar as pessoas que praticam o bem e inspirá-las com seus atos de nobreza. Estabelecendo um paralelo entre o super-herói e Jesus Cristo, por exemplo, notamos uma série de coincidências. Ambos foram enviados de outro mundo, desejavam ajudar os desamparados, entregaram a vida por aqueles que amavam, ressuscitaram para ajudá-los e têm habilidades além da compreensão do ser humano normal, o que leva os dois salvadores a sofrerem perseguições (MATTOS; SAMPAIO, 2004, p. 64).

Desse modo, afirmamos que tanto o Super-Homem e os super-heróis posteriores, como o Batman (1939), o Capitão América (1941), Namor, o príncipe submarino (1939) e o Tocha Humano original (1939), são uma resposta à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ou seja, em diversas ocasiões os super-heróis foram usados como promotores de esperança aos jovens soldados estadunidenses para combater o regime totalitarista nazista de Adolf Hitler (1889-1945). Após o final da Segunda Guerra Mundial, com a derrota do fascismo, do nazismo e do império japonês.

O Super-Homem e outros super-heróis são fundamentais para a inauguração da Era de Ouro das histórias em quadrinhos<sup>5</sup>. Através desta modesta apresentação sobre o surgimento do super-herói nas histórias em quadrinhos estadunidenses percebemos algumas características fundamentais e que perpassam na maioria de suas aventuras. O super-herói é altruísta, possui um senso de justiça e um entendimento sobre o que é o bem e o mal. Ou seja, tanto o herói da antiguidade quanto o super-herói são personagens que convidam o leitor a

refletir sobre a ética: o que é ser bom? O que é ser justo? Por que devemos proteger a sociedade e não ser reconhecido ou remunerado por tal atitude? Por que devemos repudiar o mal? Inquietações como essas são facilmente encontradas nas histórias de personagens como Capitão América, Homem-Aranha e Super-Homem.

Dessa maneira, notamos a possibilidade de introdução e até mesmo o aprofundamento de diversas temáticas filosóficas a partir das histórias em quadrinhos. Para o filósofo brasileiro Gelson Weschenfelder, é justamente por combaterem os infratores da lei que os super-heróis apresentam vários dilemas, sejam de caráter ético ou político, podendo até mesmo entrar em estado de crise existencial (WESCHENFELDER, 2012b, p. 1-2). Ou seja, a leitura e a interpretação sobre as ações e os dilemas do super-herói permitem trabalhar as histórias em quadrinhos em uma perspectiva filosófica.

## GUERRA FRIA E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Através da introdução sobre a gênese do super-herói nas histórias em quadrinhos estadunidense e a sua repercussão no imaginário popular, constatamos que aos longos das décadas as narrativas foram se adequando ao espírito do tempo, ou seja, as histórias em quadrinhos não estão isentas de serem fruto de certos eventos e fenômenos histórico-cultural de um determinado período. Watchmen ao lado de outras graphic novels foram concebidos durante a Guerra Fria<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Embora seja uma periodização controversa, como destaca Alexandre Vargas (SARJETA, 2021), a periodização das histórias em quadrinhos estadunidense é uma tentativa de elaborar uma cronologia, ou seja, a periodização dos quadrinhos estadunidenses por Eras é para facilitar o entendimento do leitor e pesquisador dos quadrinhos. Comumente, a publicação da Action Comics

n. 1 é tida como a inauguração da Era de Ouro que será encerrada em meados da década de 1950 (QUADRINHEIROS, 2013).

<sup>6</sup> Neste momento daremos destaque apenas à Watchmen, para uma leitura mais aprofundada sobre o período e outras perspectivas sugerimos a leitura de ASSUMPÇÃO



Entre 1986 e 1987, Frank Miller e Alan Moore publicaram pela DC Comics suas principais obras, respectivamente, Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen. Essas duas histórias em quadrinhos, como vimos, foram lançadas influenciadas por uma época conturbada, com reflexos da insegurança causada pelo possível uso de armas atômicas pelo EUA ou URSS (KRAKHECKE, 2009, p. 75).

Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm, a Guerra Fria pode ser compreendida da seguinte maneira:

A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criariam à de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade [...] A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados [...] (HOBSBAWM, 2017, p. 178-179).

O conflito ideológico entre as potências EUA e a União soviética é marcado pelo medo e paranoia, ou seja, a partir de uma suposta invasão dos comunistas ou de uma guerra nuclear, as histórias em quadrinhos estadunidenses serão fundamentais para intensificar este conflito (RODRIGUES, 2011, p. 85-119).

Entretanto, com a “invasão britânica” nas histórias em quadrinhos estadunidense, sobretudo no gênero de super-heróis, o conflito ideológico e maniqueísta tornou-se complexo. Artistas como Alan Moore, Brian Bolland, Dave Gibbons, Grant Morrison e Neil Gaiman e tantos outros serão fundamentais para a desinfantilização do gênero (RODRIGUES, 2011, p. 53).

A invasão britânica pode ser caracterizada como a transformação do gênero de super-heróis nos quadrinhos estadunidenses, arcos de histórias como a do Batman: o cavaleiro das trevas (1986), Homem-Animal (1988-1990), Monstro do Pântano (1982-1985), Sandman (1989-1996) e etc. serão fundamentais por trazerem narrativas mais profundas, isto é, as histórias trazem uma variação de inquietações filosóficas, seja através da estética, social/político ou existencial de seu período (RODRIGUES, 2011, p. 52-53).

Em Watchmen somos apresentados a uma realidade semelhante à nossa, no entanto, existem algumas diferenças consideráveis. No universo de Watchmen os super-heróis existem e, através da intervenção do Dr. Manhattan, os Estados Unidos saíram vitoriosos da Guerra do Vietnã (1955-1975). Com esta vitória dos Estados Unidos, Richard Nixon nunca foi associado ao caso Watergate e, deste modo, Nixon foi reeleito diversas vezes. Também é sugerido que a existência do Dr. Manhattan se torna a motivação da corrida armamentista e espacial entre os Estados Unidos e a URSS, culminando na Guerra Fria. (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 120-127). Assim como na própria obra, e em entrevistas concedidas, Alan Moore sempre afirmou que a Guerra Fria influenciou o surgimento e desenvolvimento de Watchmen:

[...] Watchmen, como provavelmente qualquer obra, nasceu de seu tempo, naquele período, meados nos anos 80, quando pairava no ar uma sensação de apocalipse nuclear. A guerra fria estava no seu ápice e tentei articular em Watchmen o que estava sentindo naquela época (Revista KAOS apud KRAKHECKE, 2009, p. 88).

Além do contexto mundial da Guerra Fria, o historiador brasileiro Márcio da Silva Rodrigues chama a atenção para o posicionamento político de Alan Moore em suas



histórias, sobretudo em *Watchmen* e *V de Vingança*. Durante a gestação dessas obras, Moore presenciou o endurecimento do governo da então primeira-ministra Margareth Thatcher (1925-2013). Além de ser contrário ao modelo governamental de Thatcher, Moore sempre se posicionou como um anarquista, seja do ponto de vista político ou metafísico (RODRIGUES, 2011, p. 57-58).

Em uma entrevista concedida na UK Comic Art Convention in London em 21 de setembro de 1987, Alan Moore e Gibbons, sobretudo Moore comenta sobre *Watchmen* ser uma crítica ao reaganismo e os perigos do modo de vida americano (COMICS JOURNAL, 2012). Tendo compreendido minimamente o contexto da Guerra Fria e a sua repercussão na cultura pop, sobretudo, em *Watchmen*, podemos adentrar na obra propriamente dita.

*Watchmen* ao lado de outras graphic novels são tidos como um divisor de águas, seja no sentido mercadológico dos quadrinhos estadunidenses, seja na maneira de como os leitores compreendiam os conteúdos ali abordados. A graphic novel concebida por Alan Moore é reconhecida por ter apresentado ao grande público a desconstrução da imagem do super-herói.

Alan Moore, em uma entrevista concedida a *Comics Britannia*, afirma que uma de suas intenções em *Watchmen* era mostrar que, se os super-heróis realmente existissem, eles não seriam como nos são apresentados nas histórias em quadrinhos. Para fundamentar essa problemática do super-herói, o roteirista britânico recorre ao icônico personagem: o Batman. Segundo Moore, se o Cavaleiro negro de Gotham fosse transportado para a nossa realidade, o vigilante seria considerado um psicopata. Como não considerar um psicopata um indivíduo que se esconde atrás de uma máscara para combater o crime e recorre à violência extrema? Sendo assim, podemos interpretar Rorschach como um Batman enlouquecido. Além desse diagnóstico, cabe outra provocação: o super-herói responde a

quem? Serviria ao Estado ou estaria acima deste? (VIDS, 2007).

Comumente quando imaginamos um super-herói idealizamos um indivíduo virtuoso, como um exemplo a ser seguido, apresentando, em maior ou menor medida, as seguintes características: bondade, coragem, defesa dos fracos e oprimidos, ação de acordo com a lei estabelecida pela justiça (não recorre à violência), suas motivações não são egocêntricas, e frequentemente está de acordo com os padrões estéticos estabelecidos pela sociedade. Entretanto, os vigilantes mascarados de *Watchmen* não dão continuidade a essa imagem consolidada do super-herói nas histórias em quadrinhos:

Os super-heróis de Alan Moore e Dave Gibbons em *Watchmen* dificilmente são reconhecíveis como “super” ou “heróis” por nós. Em lugar de uso de imagens fantasiosas estereotipadas de boas pessoas que agem por fora de um sistema de justiça incompetente, seus personagens são retratos realistas que desafiam a maneira pela qual olhamos para os cruzados mascarados (SPANAKOS, 2009, p. 41).

O segundo Coruja não possui autoconfiança de si mesmo, além de estar fora de forma física, o Comediante é um psicopata, cínico e criminoso de guerra, o Dr. Manhattan, mesmo com habilidades sobre-humanas, não tem interesse em proteger a humanidade, a segunda Espectral nunca quis ser uma combatente do crime, Ozymandias não hesita em manipular certos eventos, fenômenos e indivíduos para atingir seus objetivos, e Rorschach, que possui uma conduta ética deturpada, em diversos momentos ao longo da narrativa, apresenta traços de misoginia. Sendo assim, com a desconstrução do conceito de super-herói, problemas filosóficos surgem.

Há diversas maneiras significativas pelas quais, por meio de *Watchmen*, podemos reavaliar o conceito de super-herói: alguém pode ser confiado à posição de vigilante do mundo? No esforço para “salvar o mundo”, ou a maior parte dele, uma pessoa na posição de super-herói não seria tentada a



fazer algo terrivelmente maligno, para que daí resulte um bem? (SKOBLE, 2009, p. 49).

Tendo em vista quais eram os objetivos da dupla de artistas britânicos com *Watchmen*, iremos analisar filosoficamente um dos personagens mais complexo da obra, Dr. Manhattan.

### DR. MANHATTAN, UM SUPER-HERÓI NIILISTA<sup>7</sup>

Jonathan Osterman, o filho de um relojoeiro, na vida adulta tornou-se um físico nuclear, que após um acidente de trabalho foi a óbito, contudo, de uma maneira inexplicável, Osterman retorna a vida, mas não como um ser humano, mas sim como uma entidade que possui habilidades sobre-humanas, semelhante a uma entidade divina. Jonathan Osterman retorna como Dr. Manhattan<sup>8</sup>.

Algumas das habilidades sobre-humanas do Dr. Manhattan são a capacidade de alteração da sua estrutura física, clonagem, força sobre-humana, teletransporte em nível interplanetário, manipulação da matéria ao nível subatômico, rajadas de energia que desintegram seres humanos, e uma percepção de tempo singular (Dr. Manhattan consegue observar o passado, presente e o futuro ao mesmo tempo).

Em 1959, num acidente que certamente não foi planejado e que, sem dúvida, não pode ser reproduzido, um jovem americano foi completamente desintegrado, pelo menos no sentido físico da palavra. Apesar da ausência de corpo, uma forma de padrão eletromagnético semelhante à consciência sobreviveu e foi capaz, com o tempo, de reconstruir uma versão aproximada do corpo que havia hospedado. No decorrer da reconstrução de sua forma corpórea, essa entidade nova totalmente original adquiriu um domínio completo sobre a matéria, capaz de moldar a realidade pela manipulação de seus blocos básicos. Quando as notícias da gênese fenomenal

---

<sup>7</sup> Embora a popularização do vocábulo seja atribuída a Friedrich Nietzsche (1844-1900), não há um consenso sobre a origem deste conceito. As primeiras ocorrências do termo remontam à Revolução Francesa quando foram definidos como “niilistas” os grupos “que não eram nem a favor nem contra a Revolução”. Um membro da Convenção, Barão de Cloots, declarou no seu discurso de 26 de dezembro de 1793 que “a República dos direitos do homem não é nem teísta nem atea, é niilista” (PECORARO, 2007, p. 5). Já uma interpretação nietzschiana sobre o niilismo dirá o seguinte:

O niilista seria, assim, aquele indivíduo que não consegue postular novos valores para suplantarmos a situação do vazio existencial no qual se encontra. Esse vazio existencial é caracterizado pela percepção de que os valores supremos já não vigoram, que, de fato, estes não podem ser fundamentados racionalmente. Esta consideração inicial revela a nossa segunda observação: o termo “niilismo” está ligado, de forma indelével, ao termo de “valor”. A ideia central que se expressa através do termo niilismo é a de que os valores supremos, pelos quais pautávamos nossa existência, se desvalorizam. O niilismo é a tomada de consciência – que se dá aos poucos – de que a vida não tem sentido, porque o valor que dávamos a ela já não vigora [...] A condição niilista se expressa não somente a partir da desvalorização dos valores superiores, sem os quais ela não vale a pena. Em

outras palavras, o niilismo já está presente desde sempre na nossa civilização, porque esta constitui a partir da busca pelo sentido, pelas categorias universais da metafísica que dão sentido à existência (SOARES, 2014, p. 19).

Para complementar a exposição de Soares (2014), um trecho do verbete “niilismo” segundo o Dicionário Nietzsche:

O conceito nietzschiano de niilismo é elaborado no contexto da crítica da moral, devendo ser compreendido na dinâmica dos esforços críticos e criativos dos anos 1880. Enquanto consequência da desvalorização dos valores morais da tradição, o niilismo teria uma raiz comum, qual seja, a interpretação moral do mundo. O movimento do niilismo está intimamente ligado à história das morais, principalmente a uma forma de moral que triunfou no Ocidente, a moral dos escravos. Os valores morais niilistas desenvolvem-se também no âmbito da política, da cultura, da religião, da ciência e da arte (GEN, 2016. P. 326).

<sup>8</sup> O nome do personagem é uma alusão ao projeto Manhattan, projeto que resultou na criação da bomba atômica. Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945 bombas atômicas são lançadas nas ilhas japonesas Hiroshima e Nagasaki, deste modo, resultando na rendição do exército japonês, encerrando a II Guerra Mundial (CZIZEWESKI, 2011, p. 73).



deste ser foram veiculadas pela primeira vez ao mundo, empregaram uma certa frase que – em épocas diferentes – foi atribuída tanto a mim quanto a outros. Nos noticiários vindos de nossas tevês naquela noite fatídica, uma sentença acabou repetidas vezes: “O Superman existe e ele é americano” (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 138-139).

Entretanto, mesmo sendo o único a possuir habilidades extraordinárias, sendo cultuado e temido como um deus, desde a sua ressurreição Dr. Manhattan vem perdendo a sua humanidade.

Rorschach: [...] Pelo jeito, você não se importa com a morte do Blake.

Dr. Manhattan: Um corpo vivo e um corpo morto contêm o mesmo número de partículas. Estruturalmente não há diferença discernível. Vida e morte são abstrações não quantificáveis, por que eu deveria me importar? (MOORE e GIBBONS, 2005, p.27).

Após a sua primeira aparição, a pedido do presidente Nixon, o Dr. Manhattan chega ao Vietnã, na qual reencontra o Comediante. Passados alguns meses, através da presença e intervenção do Dr. Manhattan, os Estados Unidos saem vitoriosos da guerra.

Dr. Manhattan: É maio. Estou aqui há dois meses, espera-se que os vietcongues se rendam esta semana. Muitos já se entregaram... com frequência eles pedem para se render pessoalmente a mim, seu terror temperado por uma reverência quase religiosa (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 128).

Comemorando a vitória dos EUA ao lado do Comediante em um bar, o Dr. Manhattan é surpreendido com a chegada de uma garota vietnamita gestante, a garota vai em direção ao Comediante. O Comediante e a garota começam a discutir, e a conclusão é um corte no lado esquerdo do rosto de Blake (Comediante), a morte da garota e da criança que ainda estava sendo gerada. Ao tentar conversar com o Comediante sobre a sua atitude, o Comediante se antecipa e questiona a não intervenção dele, já que o mesmo possui habilidades que poderiam

ter evitado o assassinato. Neste momento, Blake conclui que o Dr. Manhattan vem perdendo a sua humanidade. “Comediante: [...] Você não dá a mínima para o ser humano, eu já saquei a tua [...] Você está se alienando cara, está ficando pinel. Que Deus nos ajude” (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 55).

A partir dos trechos selecionados podemos elaborar a seguinte questão: mesmo sendo o único ser vivo com habilidades sobre-humanas, o que levou o Dr. Manhattan a ser subserviente ao governo estadunidense e permitir tais atrocidades contra a humanidade?

Em um trabalho anterior, havíamos sugerido que o Dr. Manhattan seria um super-herói niilista, fundamentamos tal hipótese através de uma certa interpretação nietzschiana (GOMES, 2021, p. 42-54). Contudo, gostaríamos de reformular parcialmente tal hipótese. Uma possibilidade de diálogo entre a graphic novel e a filosofia de Nietzsche é a partir do célebre e polêmico enunciado pela primeira vez em *A gaia ciência* (1882), “Deus está morto.”

O homem louco – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?” gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus



assassinos! [...] (NIETZSCHE, 2001, § 125, p. 147)<sup>9</sup>.

Segundo a interpretação proposta pela estadunidense Stacy Ryan Ange, a ausência ou morte de Deus pode ser encontrada em pelo menos em dois momentos de Watchmen com dois personagens distintos: Dr. Manhattan e Rorschach. Dr. Manhattan não acredita ser Deus, justamente, por não se preocupar com a humanidade, segundo o próprio personagem, estaria cansado da raça humana Rorschach por outro lado, afirma que não é Deus que permite que o homem cometa tais atrocidades, mas sim o próprio homem.

Moore toma cuidado para que os horrores que contribuem para o niilismo da vida real estejam presentes no mundo de Watchmen. As reflexões do Rorschach e do Dr. Manhattan sobre a ausência de Deus haja como uma âncora em seu mundo, garantindo cada vez mais para o niilismo. Para Rorschach, a ausência de Deus impulsiona para ele preencher com a sua própria ordem moral, enquanto para o Dr. Manhattan, a questão sobre Deus é uma equação a ser resolvida, um restante matemático no qual não faz sentido (ANGE, 2011, p. 18, tradução nossa).

Embora haja menções explícitas e sutis à filosofia nietzschiana na graphic novel, gostaríamos de chamar a atenção de como o niilismo ético exerce influência sob o Dr. Manhattan.

Ainda não há um consenso sobre o que é o niilismo ético, contudo, mesmo não sendo um conceito consolidado, existe algumas características que devem ser levadas em consideração.

Trabalhos como o de Marc Krellestein (2017), mais alinhado à psicologia comportamental, defendem que o niilismo ético

é resultado da abstenção do livre-arbítrio e da felicidade, com a privação destas categorias o indivíduo não cultiva a sua responsabilidade moral. Ainda sobre uma possível compreensão, Donald Crosby (1998, p. 35, tradução nossa) afirma que “o niilismo ético rejeita o senso de obrigação ética, a objetividade de princípios éticos, ou do ponto de vista ético.”

Tais características podem ser percebidas no Dr. Manhattan ao longo da narrativa de Watchmen, entretanto, complementamos a nossa compreensão sobre o conceito de niilismo ético a partir de alguns aspectos históricos culturais que pertencem ao período em que a graphic novel foi publicado: o Zeitgeist atômico.

Como já mencionado, a história de Watchmen se passa em uma realidade semelhante à dos seus criadores, certos eventos e fenômenos ocorrem em ambas as realidades, neste caso, o período da Guerra Fria e os seus desdobramentos, contudo, há diferenças significativas. Com a aparição e a intervenção do Dr. Manhattan, os EUA saem vitoriosos da Guerra do Vietnã (1959-1975), o caso Watergate nunca veio à tona, deste modo, Richard Nixon é reeleito três vezes, conforme Moore e Gibbons (2005, p. 118-128), ainda sobre o surgimento do Dr. Manhattan fica subentendido que a aparição do herói foi o que levou a disputa com a União Soviética, desta maneira, culminando na Guerra Fria, a presença do personagem será fundamental para a intensificação e o desfecho deste conflito (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 100-102).

O imaginário sobre o desfecho da Guerra Fria será fundamental para o surgimento de Watchmen, desta maneira, possibilitando que Alan Moore potencialize as suas críticas ao gênero de super-heróis das histórias em quadrinhos estadunidense e elaborar algumas

<sup>9</sup> Por questão de espaço não iremos nos aprofundar neste tópico, para um estudo mais aprofundado sugerimos a leitura de ARALDI (1998) e MARTON (1999).



alegorias sobre o período de maneira sofisticada (JOURNAL, 2022). Em outras palavras, o niilismo ético encontrado no Dr. Manhattan está relacionado ao período em que o medo e a paranoia de iminente guerra nuclear poderiam ocorrer a qualquer momento, desta maneira, tanto Watchmen quanto o Dr. Manhattan pode ser interpretado como um espírito (Zeitgeist) de seu período<sup>10</sup>.

Mesmo sendo considerado um super-herói, tanto pelos seus colegas vigilantes, quanto pelo Estado, além de ser o único com habilidades sobre-humanas, Dr. Manhattan definitivamente não é um super-herói virtuoso, a sua personalidade e suas decisões são de um niilista, ou seja, o Dr. Manhattan pode ser compreendido uma alusão a uma entidade divina, uma entidade divina ausente.

Dr. Manhattan: Sem mim, as coisas seriam diferentes. Se o gordo não tivesse esmagado o relógio, se eu não estivesse na câmara... Sou eu o culpado, então? Ou o gordo? Ou o meu pai por escolher a minha carreira? Qual de nós é o responsável? Quem faz o mundo? Talvez o mundo não seja feito. Talvez nada seja feito. Talvez simplesmente seja, tenha sido, será eternamente... um relógio sem artesão (MOORE; GIBBONS, 2005, p. 135-136).

## CONCLUSÃO

Ao longo do ensaio, apresentamos a riqueza e a possibilidade de uma análise filosófica a partir da Watchmen. O personagem selecionado foi o Dr. Manhattan, pois além de ser o único super-herói com habilidades sobre-humanas, é um ótimo estudo de caso sobre a desconstrução da imagem convencional do

super-herói estabelecido sobre o gênero de super-heróis nas histórias em quadrinhos estadunidense.

Além da desconstrução do super-herói, o Dr. Manhattan pode ser compreendido como uma alusão à sociedade contemporânea, mais precisamente uma sociedade traumatizada pela guerra e os seus desdobramentos durante o pós-guerra, desta maneira, possibilitando que o niilismo alojasse como fenômeno cultural, histórico e civilizacional (OLIVEIRA, 2016, p. 816).

A partir desta análise, defendemos que o Dr. Manhattan é uma alusão a uma sociedade com valores éticos em crise, uma sociedade tomada pelo niilismo e pessimismo, ou seja, o Dr. Manhattan é um super-herói de seu período, na medida em que decide não se envolver com os sofrimentos e as demandas de solução de problemas da sociedade, mesmo sendo detentor de habilidades sobre-humanas.

“O super-herói está morto, e nós o matamos.” (GOMES, 2021, p. 54).

## REFERÊNCIAS

ANDERS, Günter. Teses para a era atômica. **Sopro 87**, abril 2013. Florianópolis. Disponível em: [http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html?fbclid=IwAR2nLhoHRVJhhe0xeC8nc9FbFOtI72g10ZZx2O\\_V-DTzeABnaHDMCdV15s](http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html?fbclid=IwAR2nLhoHRVJhhe0xeC8nc9FbFOtI72g10ZZx2O_V-DTzeABnaHDMCdV15s). Acesso em 21 de julho de 2023.

<sup>10</sup> Ainda sobre o período da Guerra Fria, ressaltamos a sua relação com a Era Atômica e os seus desdobramentos na contemporaneidade, o filósofo alemão Günter Anders (1902-1992) irá chamar a atenção sobre a repercussão da aparição e utilização das bombas nucleares (a catástrofe nuclear ocorrida nas ilhas de Hiroshima e Nagasaki),

Anders irá comentar como o campo da ética, política e a da ontologia deverão se debruçar sobre este período catastrófico, tal característica também está relacionado ao pensamento catastrofista do antropoceno (ANDERS, 1962).



ANGE, Stacy Ryan. **Who watches the watchmen**: the revaluation of the superhero in the nihilistic world of Alan Moore's Watchmen. 2011. Dissertação (Mestrado) - East Carolina University, 2011. Disponível em: <https://thescholarship.ecu.edu/handle/10342/3706>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

ALAN MOORE VIDS. **Alan Moore talks 02 – Watchmen**. 1 vídeo (05 min. 17 segs.), 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qKebCtCTbCA&t=1s>. Acesso em 19 de julho de 2023.

ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 5, p. 75-94, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7898>.

ASSUMPÇÃO, Luis Felipe Bantim. O lugar social de Stan Lee nos EUA, durante a Guerra Fria: um estudo de caso a partir do primeiro quadrinho do Homem de Ferro. **Diálogo**, n. 42, p. 79-89, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/dialogo.v0i42.5811>. Acessado em 17 de julho de 2023.

BBC NEWS BRASIL. **De onde vem nosso fascínio por super-heróis?** 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150820\\_vert\\_cult\\_herois\\_fn](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150820_vert_cult_herois_fn). Acesso em 11 de julho de 2023.

COOGAN, Peter. The definition of superhero. In: HEER, Jeet; WORCESTER, Kent (Eds.). **A comics studies reader**. Jackson: University Press of Mississippi, 2009. p.77-93.

CROSBY, Donald Allen. **The Specter of the Absurd**: Sources and Criticisms of Modern Nihilism. Albany: State University of New York Press, 1988.

CZIZEWESKI, Grégori Michel. **O fim está próximo**: poder, tensão e nostalgia na visão da guerra fria a partir de Watchmen. 2011.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95069>. Acesso em 19 de julho de 2023.

FINKELMAN, Leonard. O super-Homem e o homem: o que os kriptoniano pode nos ensinar sobre a humanidade? In: WITHE, Mark (Org.). **Superman e a filosofia**. São Paulo: Ed. Madras, 2014. p.191-229.

GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Ed. Loyola, 2016.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

GOMES, Leonardo. **Watchmen e a filosofia**: seria Dr. Manhattan um super-herói niilista? 2021. Monografia de conclusão de curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, 2021.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Gria nas histórias em quadrinhos Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979- 1987)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2313>. Acesso em 17 de julho de 2023.

KRELLERSTEIN, Marc. Moral nihilism and its implications. **The Journal of Mind and Behaviour**, v. 38, n. 1, p. 75-90, 2017. Disponível em: <https://krellenstein.com/marc/moral-nihilism-and-its-implications-preprint.pdf>. Acessado em 20 de julho de 2023.

LAYMAN, Charles Stephen. Por que ser um super-herói? Por que ser moral? In: IRWIN,



William (Org.). **Super-heróis e a filosofia**. São Paulo: Ed. Madras, 2009. p.185-196.

MARTON, Scarlett. A morte de Deus e a transvaloração de valores. **Revista Hypnos**, n. 5, p. 133-143, 1999. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/322>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

MATTOS, Leonardo Martinelli de Campos; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **A Evolução do Mito do Herói dos Quadrinhos**. 2004. Monografia de conclusão de curso – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LeonardoMattoseRafaelSampaio.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2023.

MESKIN, Aaron. Comics as literature? **The British journal of aesthetics**, v.49, n.3, 2009a, p. 219-239. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/aesthj/ayp025>. Acesso em 10 de julho de 2023.

MESKIN, Aaron. Por que você não vai ler um livro ou algo assim? Watchmen como literatura. In: IRWIN, William (Org.). **Watchmen e a filosofia**. São Paulo: Ed. Madras, 2009. p. 149-162.

MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. **Watchmen**: edição definitiva. São Paulo: Ed. Panini, 2005.

NACHTIGALL, Lucas Suzigan. Super-heróis da década de 1960: Guerra Fria e mudanças sociais nos comics norte-americanos. **Faces da história**, v. 1, n. 2, p. 186-205, 2014. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/173>. Acesso em 17 de julho de 2023.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Claudia Maria Rocha de. A sombra da ruptura: niilismo ético e filosofia na era das incertezas. **Sapere Aude**, vol. 6, n. 12, p. 816-830, 2016.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo; POLATTO, Rodrigo Cardoso. O horror “socialmente relevante” da EC Comics: uma análise da história em quadrinhos “The Patriots” de 1952. **História em revista**, v. 28, n. 1, p. 81-98, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/hr.v28i1.24225>. Acesso em 17 de julho de 2023.

PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

PIPOCA E NANQUIM. **A história das revistas pulps que originaram a cultura pop**. 1 vídeo (32 min. 02 segs.), 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vfkySPKUJ1g&t=303s>. Acesso em 12 de julho de 2023.

PINHEIRO, Rapha. **O que é uma graphic novel?** 1 vídeo (9 min. 14 segs.), 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_hZjqNbBnf8&t=450s](https://www.youtube.com/watch?v=_hZjqNbBnf8&t=450s). Acesso em 10 de julho de 2023.

RODRIGUES, Márcio da Silva. **Representações políticas da Guerra Fria**: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, UFMG, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-994G9X>. Acesso em 17 de julho de 2023.

SHUSTER, Joe; SIEGEL, Jerry. Superman, campeão dos oprimidos. In: BYRNE, John. **Superman**: o homem de aço. São Paulo: Eaglemoss, 2015. p.1-98.

SILVA, Rafael Laytynher. A contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos. **Anágrama**, vol. 5, n. 1, p. 1-12, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2011.35596>. Acesso em 11 de julho de 2023.

SKOBLE, Aeon. Revisionismo do super-herói em Watchmen e o retorno do Cavaleiro das Trevas. In: IRWIN, William (Org.). **Super-**



**heróis e a filosofia.** São Paulo: Ed. Madras, 2009. p. 41-51.

SOARES, Breno Dutra Serafim. **O conceito de nihilismo na obra de Friedrich Nietzsche.** 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5657>. Acesso em 19 de julho de 2023.

SPANAKOS, Anthony Petrus. Supervigilantes e a Lei Keene. In: IRWIN, William (Org.). **Watchmen e a filosofia.** São Paulo: Ed. Madras, 2009. p. 41-52.

QUADRINHEIROS. **A história das histórias em quadrinhos: a Era de Ouro.** Disponível em: <https://quadrinhos.com/2013/04/12/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ouro/>. Acesso em 12 de julho de 2023.

QUADRINHOS NA SARJETA. **O melhor livro sobre quadrinhos americanos?** 1 vídeo (9 min. 33 segs.), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iEJ1y98N7Pk>. Acesso em 12 de julho de 2023.

QUADRINHOS NA SARJETA. **O negacionismo das ciências humanas e o mito de Mauricio de Sousa. Quadrinho não é literatura?** 1 vídeo (30 min. 40 segs.), 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=84DwzzVGxtA>. Acesso em 10 de julho de 2023.

QUADRINHOS NA SARJETA. **Quadrinhos, Pandemia e crise econômica.** 1 vídeo (6 min. 58 segs.), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CkJlu30BuNU>. Acesso em 12 de julho de 2023.

THE COMICS JOURNAL. **A portal to another dimension:** Alan Moore, Dave Gibbons, and Neil Gaiman, 2012. Disponível em: <https://www.tcj.com/a-portal-to-another-dimension-alan-moore-dave-gibbons-and-neil-gaiman/>. Acesso em 18 de julho de 2023.

THE COMICS JOURNAL. **The fallout of dreams, the demonstration of shadows: Watchmen and the atomic zeitgeist of the '80s,** 2022. Disponível em: <https://www.tcj.com/the-fallout-of-dreams-the-demonstration-of-shadows-watchmen-and-the-atomic-zeitgeist-of-the-80s/>. Acesso em 21 de julho de 2023.

VESCHI, Fábio Marcos. **Etimologia de herói e heroína,** 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/heroi-heroína/>. Acesso em 11 de julho de 2023.

VIEIRA, Fábio Marcos. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. **Contemporânea**, vol. 5, n. 8, p. 78-90, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17197>. Acesso em 11 de julho de 2023.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e a sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes.** 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade La Salle, 2011. Disponível em: <http://dspace.unilasalle.edu.br/handle/11690/589?mode=full>. Acesso em 12 de julho de 2023.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Os super-heróis e esta tal de filosofia. **REI – Revista de Educação do IDEAU**, vol. 7, n. 15, p. 1-13, 2012b. Disponível em: [https://www.getulio.ideau.com.br/wpcontent/files\\_mf/393e123aef35ea93f9be9fc2309586b148\\_1.pdf](https://www.getulio.ideau.com.br/wpcontent/files_mf/393e123aef35ea93f9be9fc2309586b148_1.pdf). Acesso em 13 de julho de 2023.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Super-Homem em busca da felicidade aristotélica. **Revista de ciências humanas**, v. 46, n. 2, p. 337-346, 2012a. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2012v46n2p337>. Acesso em 12 de julho de 2023.



## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à Profa. Dra. Débora de Sá Ribeiro Aymoré (UFPR) pela orientação, pelo apoio e sobretudo, pela amizade. Dedico este ensaio à Tawana Tábata.

Como citar este artigo:

GOMES, Leonardo Moreira. Watchmen e a filosofia: Dr. Manhattan, um super-herói nihilista. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.6, n.10, jan-dez. 2024, p.49-64.